

LIVRO DO MÊS

Os alertas meteorológicos eram claros:

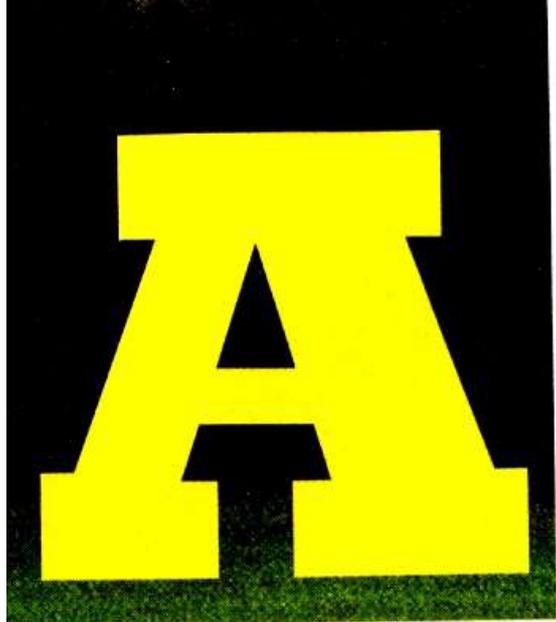
“Vá para um abrigo agora!”

Mas nem todos conseguiram fazer isso.

ALERTA DE TORNADO

por Nancy Mathis

DO LIVRO “STORM WARNING” (ALERTA DE TEMPESTADE)



PRIMAVERA TINHA sido tranqüila em Oklahoma. Mas foi então que, nas primeiras horas do dia 3 de maio de 1999, uma forte corrente de ar com ventos intensos percorreu a fronteira da Califórnia e chegou ao Arizona e ao Novo México. Meteorologistas da cidade de Norman, em Oklahoma, previram violentas tempestades e possíveis tornados.

Kara Wiese, 26 anos, mãe solteira de um menino pequeno, saiu da cama antes do nascer do sol naquela segunda-feira para começar mais um dia de trabalho – ela ligava para empresas que estivessem em atraso com o pagamento de empréstimos. Kara esperava um dia parcialmente nublado, com temperatura máxima de mais ou menos 21°C – perfeito para o jogo de beisebol de que o filho, Jordan, iria participar. Mas, depois de ouvir a previsão do tempo, Kara começou a se perguntar se o jogo seria adiado, o que deixaria o menino de 6 anos sem muito o que fazer.

O magricelo Jordan era o único homem de sua vida, além do irmão, Dustin. Seu primeiro amor a abandonara com Jordan; o segundo a deixara com uma enorme dívida. Tudo o que Kara tinha na vida era um *trailer*, dois hectares de terra e um carro.

Ela e Jordan moravam em Bridge Creek, bairro a cerca de 30 quilômetros a sudoeste do centro da cidade de Oklahoma. Enormes plantas escondiam seu *trailer*; murtas e pereiras floresciam ao redor. Diversos canteiros de flores adornavam o quintal. Kara trabalhara muito para fazer com que aquele modesto lugar se tornasse bonito e acolhedor.

O meteorologista Gary England, do jornal das nove da emissora KWTW, já estava monitorando o progresso da tempestade. A cidade de Oklahoma e os subúrbios no sul talvez sejam, no mundo, a área mais propensa a tornados. A vasta cidade fica exatamente no meio do chamado “corredor dos tornados”, uma planície que se estende do Texas até os Estados de Dakota do Sul e do Norte. A maioria dos tornados ocorre na primavera, e nenhum outro lugar possuía combinação mais propícia de forças climáticas e geográficas: a proximidade exata dos ventos frios das Montanhas Rochosas, do ar morno do Golfo do México e das correntes de ar seco dos desertos do sudoeste americano.

Gary England já dera centenas de alertas de tornado para os telespectadores em sua carreira como apresentador. O clima era sua paixão; algo que ele amava desde 1972. Gary já percorreu o país, enchendo ginásios de escolas, para explicar como os ciclones podem ser devastadores e o que as pessoas devem fazer para se proteger. Durante anos ele avisou que um dia um tornado realmente fatal atingiria a área metropolitana da capital. A cidade de Oklahoma já estava na linha de fogo havia muito tempo.

“O ar não parecia o mesmo”

Às seis e meia da manhã os ventos estavam atravessando o deserto em alta velocidade, e os telejornais anunciaram uma pequena possibilidade de fortes tempestades com raios e tornados nos estados do Texas, Oklahoma e Kansas. Os previsores sabiam que os ventos podiam produzir temporais muito fortes, aumentando assim a potência do tornado.

Kara foi para o trabalho cedo, às 7h30, após tomar o café com Jordan e deixá-lo na creche, que o levaria até a escola onde ele estudava.

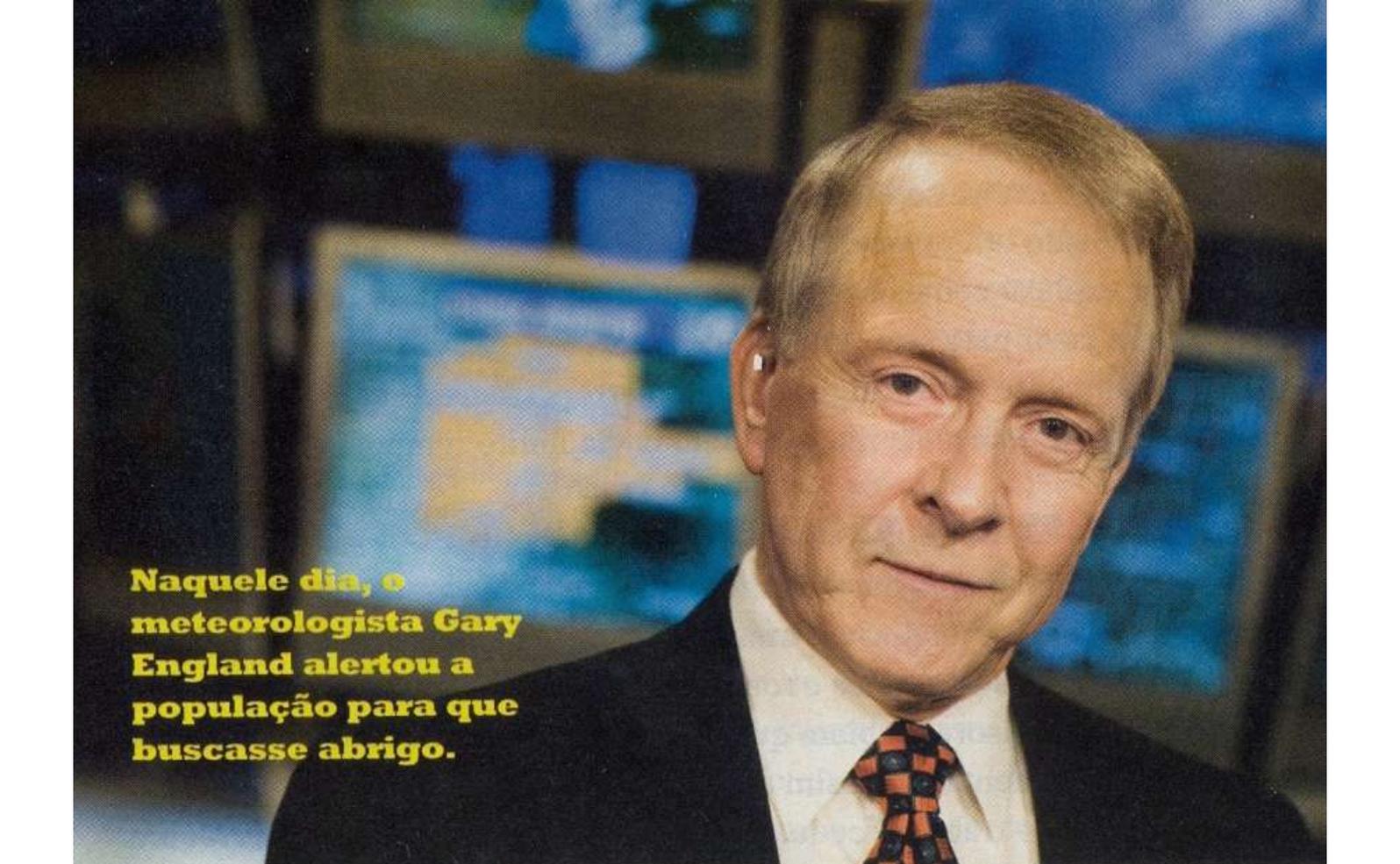
Às 11h15, enquanto os computadores processavam milhões de informações climáticas, o Serviço Nacional de Meteorologia da cidade de Norman passou a anunciar um risco moderado de fortes tempestades, com possibilidade de tornados. Meteorologistas recalcularam os dados e incluíram uma camada de nuvens que se formava sobre o Texas e Oklahoma, e fortes ventos altos.

Por volta das duas da tarde, saindo do centro de transmissão da KWTW pela primeira vez, Gary England se posicionou atrás do prédio e inclinou a cabeça em direção ao céu, inalando ar. Cerca de 20 caçadores de tempestades, um helicóptero, a equipe de jornalistas da emissora e um ansioso diretor de jornalismo aguardavam uma decisão sua.

A equipe de meteorologia havia revisado um modelo numérico atrás do outro. “Nós analisamos os dados até ficarmos vesgos”, disse Gary. Seria aquele apenas mais um dia típico de tempestade em Oklahoma ou os indicadores do tempo apontavam para algo verdadeiramente terrível?

Uma palavra de Gary – “prioridade” – bastou para que as equipes de reportagem ficassem à sua disposição. Isso significava modificar o que seria transmitido no jornal da noite. Significava fazer decolar o helicóptero da emissora e alertar os caçadores de tempestades.

O céu estava caótico. “Havia um denso e forte cheiro de umidade”, lembra Gary. “Estava quente e úmido. O ar não parecia o mesmo.”



Naquele dia, o meteorologista Gary England alertou a população para que buscasse abrigo.

Ele se lembrou de outro dia, 8 de junho de 1974, quando diversos tornados haviam surgido inesperadamente. Naquele dia, 14 pessoas morreram na região coberta pela KWTV. Aquela experiência ensinou a Gary uma lição vital: sempre espere o inesperado. Ele começou a consultar mais de perto o Laboratório Nacional de Graves Tempestades da cidade de Norman, que estava trabalhando para modificar o radar meteorológico Doppler.

Ao ver aquelas nuvens espessas, Gary passou por cima dos dados e se concentrou em seu instinto e experiência. Retornou à emissora sabendo o peso da decisão que tomara.

Terror no horizonte

Às 16h15, o Serviço Nacional de Meteorologia anunciou uma forte tempestade de raios. Tratava-se de uma violenta corrente ascendente, e um ciclone começou a se formar, evoluindo, em questão de minutos, de uma nuvem para um temporal. Indecisos, os meteorologistas do escritório do clima e do Centro de Previsão de Tempestades se espantaram com a rapidez com que a tempestade ganhou força.

Rich Thompson, um dos meteorologistas, ligou para a casa de Roger Edwards, o colega que cobria o turno da noite, e pediu-lhe que fosse para lá.

No solo, os ventos de superfície ganhavam velocidade e criavam uma

massa de relâmpagos e trovões. A tempestade em forma de cogumelo se chocou com a estratosfera e se achatou, tomando a forma de bigorna. Às 16h51, na tempestade de grau A – a primeira e mais ameaçadora no horizonte – surgiu o primeiro tornado. Minutos depois, mais tempestades apareceram pela pradaria.

Estava úmido demais quando Kara apanhou Jordan na creche, pouco antes das cinco da tarde. Logo que chegaram em casa, ele correu para pegar uma bola, e mãe e filho começaram a jogar no quintal. O sol chegou a brilhar por entre as nuvens durante algum tempo, e, depois do jogo, Kara preparou a refeição preferida de Jordan: macarrão com queijo. Não havia razão para pânico ou urgência.

No estúdio da KWTW, Gary interrompeu a habitual transmissão de notícias. A câmera 3 passou a transmitir a imagem dele ao vivo no que chamavam de “Central do Tempo”, o cantinho ao lado da sala de redação onde ficavam os meteorologistas.

“Está picotando”, disse um diretor, avisando a Gary que havia problemas de interrupção de áudio na transmissão do noticiário das nove. Um gráfico de “primeiro alerta” foi inserido no canto da tela. Em um

Há momentos em que queremos uma casa no campo...



mapa da região sudoeste de Oklahoma podia-se ver uma mancha amarela e verde ao norte de Lawton, e, mais a oeste, uma segunda mancha.

A luz vermelha da câmera acendeu. Gary estava ao vivo.

“As condições são bem favoráveis para o surgimento de tempestades de raios”, anunciou. “Na verdade, algumas já estão ocorrendo neste instante. Esta tempestade principal está se desenvolvendo rapidamente”, alertou, apontando para as nuvens que surgiam na tela.

O irmão de Kara ligou para ela. “Está vendo a previsão do tempo?”, Dustin perguntou. Kara lhe garantiu que ficaria atenta.

A mãe, Mary, ligou logo depois. Kara a tranqüilizou, informando que o jogo de beisebol de Jordan havia sido cancelado.

Gary recebeu uma ligação de Val Castor, um de seus principais caçadores de tempestades. Ao ouvir a voz dele, Gary decidiu pô-lo no ar ao vivo, usando o áudio do telefone celular de Val e a imagem do helicóptero do noticiário das nove.

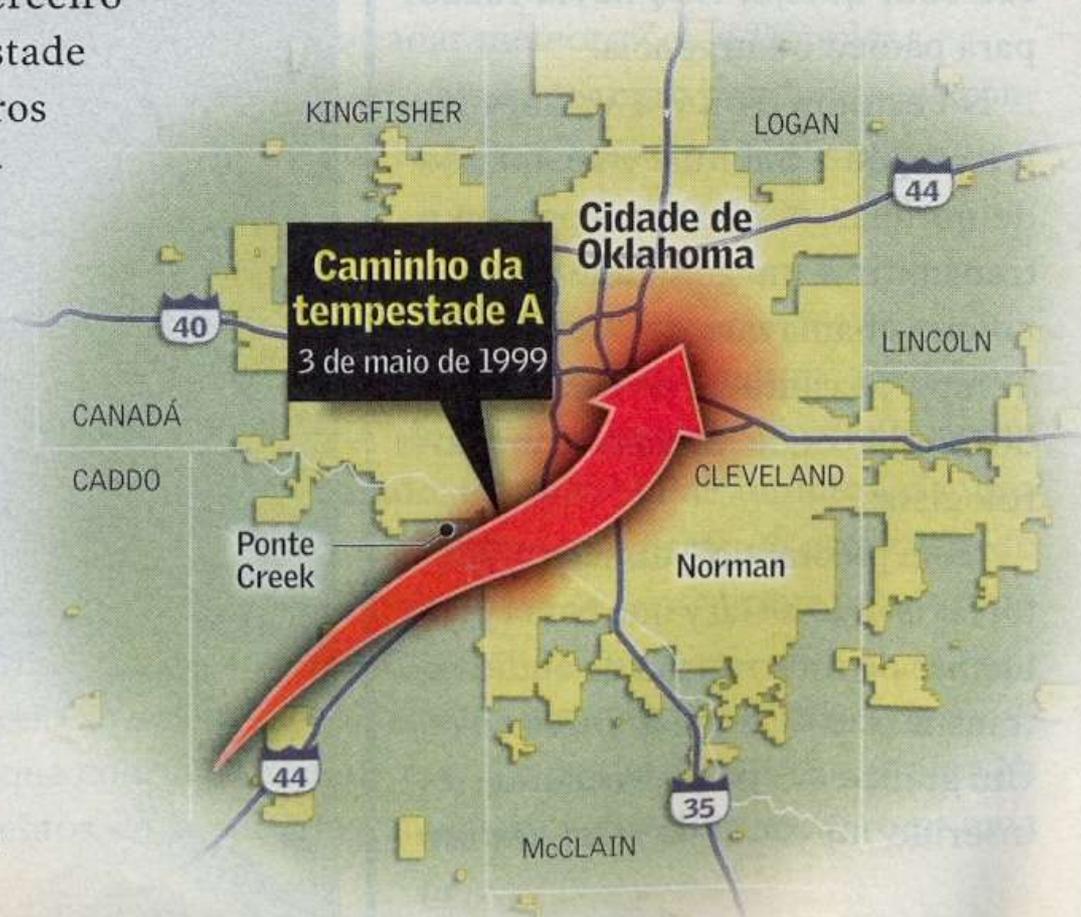
– Val, estamos visualizando o helicóptero agora – disse Gary. – Vemos um largo paredão de nuvens.

– Gary, a rotação da nuvem vem ganhando força – disse Val. – É muito mais assustador visto daqui do que era em Lawton.

Tempestades continuaram a surgir, todas com poderosas correntes ascendentes. O terceiro tufão da tempestade

A, com 100 metros de largura, desceu para o solo a uma distância de pouco mais de 100 quilômetros a sudoeste do centro da cidade de Oklahoma.

O quarto e o quinto tornados foram breves e



fracos, mas o sexto teve mais força de permanência.

De repente Val gritou: "Ali está ele!" O tornado de número A6 havia se formado cerca de 80 quilômetros a sudoeste da cidade de Oklahoma. "Estou vendo o tornado", Val completou. "Há muita poeira e escombros no chão."

Gary tornou a alertar os telespectadores:

- Há um grande tornado de múltiplos redemoinhos. É muito perigoso. Procurem abrigo imediatamente.

- Gary, ele está arrancando tudo!
- gritou Val.

"Entre na banheira!"

O helicóptero da KWTW estava a aproximadamente cinco quilômetros do centro da tempestade, mas a corrente ascendente quente que corria na direção da tormenta era tão forte que arrastou a aeronave com ela.

"Se você ainda não foi para um porão, precisa ir neste minuto!", disse Gary aos telespectadores. "Este é um aviso sério. Há redemoinhos por todo lado. Você, que está no caminho do tornado, dirija-se para um abrigo subterrâneo. Se não puder, fique em casa, dentro de um armário... Pegue travesseiros e cobertores, corra para o banheiro e

Em outros,
queremos botar o
bloco na rua...



entre na banheira. Ponha as crianças na banheira e deite-se sobre elas.”

A KWTV mostrou imagens aéreas ao vivo dos 15 quilômetros que o A6 percorreu no solo. Quando Gary viu tornados duplos no monitor de uma câmera, soube que aquele dia não seria como os outros.

“A situação é muito perigosa. É um tornado de proporções significativas e está no mesmo nível que muitas casas. Vocês, que estão na rota dessa tempestade, saibam que ela é muito forte, mas não esperem um só funil.”

Um mapa mostrava as áreas ameaçadas pelo tornado.

“Procurem abrigo imediatamente”, Gary insistiu com os telespectadores.

Explosões pipocavam das fiações de energia atingidas. “Meu Deus!”, exclamava Gary. “Olhem só para isso!... Meu Deus!”

Terry Brown, superintendente de Bridge Creek, havia levado a mulher e o filho para jantar na parte sul da cidade de Oklahoma, e no restaurante tentava ver a transmissão do tornado ao vivo pela TV.

- Você já viu tornados antes. Agora estamos tentando passar algum



**Kara Wiese (abaixo),
uma luz na vida do
filho. Jordan e a avó
Mary (à esquerda) em
casa, nos dias de hoje.**



tempo com a família reunida – a mulher o censurou.

– É, já vi tornados, mas nunca como esse – respondeu Terry. – É melhor começarmos a pensar em sair daqui.

Val Castor estava ao vivo de novo. “Estou vendo áreas residenciais no caminho do tornado. Ele está começando a se dirigir para os arredores da área metropolitana!” Val se referia ao A9, o maior tornado até então.

“A velocidade é muito grande”, Gary England informou aos telespectadores. “É um tornado em forma de prisma. E está se movendo para áreas densamente povoadas da cidade.”

Tentou alertar telespectadores desavisados: “Estou afirmando: esse tornado é muito perigoso, e está indo para a parte sudoeste da cidade de Oklahoma. Vocês precisam procurar abrigos subterrâneos!”

No restaurante, Terry Brown avisou à família: “Temos de pegar o carro e ir embora.” E logo se levantaram da mesa.

David Andra, um meteorologista que estivera trabalhando na tempestade durante o dia todo, fez uma tentativa de transmitir o perigo: “Emergência de Tornado”, escreveu às 18h57, enviando um alerta para o público.

natucor®

Coloração Natural

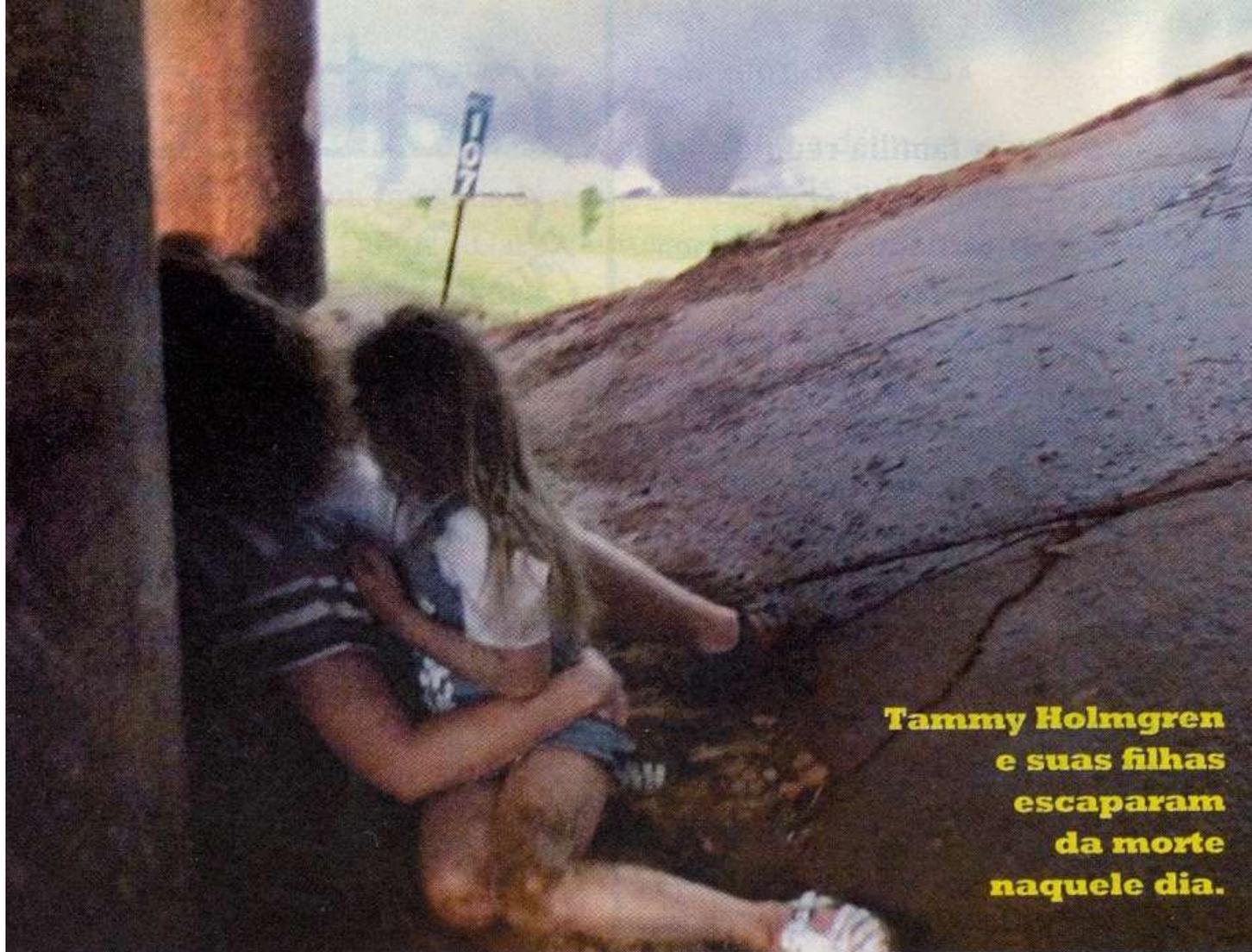
Para todos eles, uma maneira natural de ficar muito mais bonita neste carnaval.



Uma Criação
EMBELLEZE

Beleza é a força da vida

www.embelleze.com/natucor



Tammy Holmgren e suas filhas escaparam da morte naquele dia.

Barulho ensurdecedor

A chuva de granizo veio antes, com pedras do tamanho de bolas de tênis. Kara e a mãe estavam falando ao telefone. Mary perguntara à filha se ela gostaria de ir para sua casa, em El Reno, a quilômetros de distância.

“Ela queria sair dali, mas estava com medo”, recorda Mary. “Os apresentadores falavam de tornados que se dirigiam para áreas próximas. Ela estava com medo de pegar o carro. Mas, como havia um barranco fundo atrás da casa, Kara disse que ia descer por ele e se abrigar lá embaixo.”

Foi então que o telefone ficou mudo. O coração de Mary começou a bater mais rápido.

O granizo atingiu o *trailer* de Kara como balas de canhão, achatando também as flores e amassando seu carro. O tornado estava a cerca de dois quilômetros de Bridge Creek. Os vizinhos de Kara – a família Erwin: Chad, mulher e filhos – correram em direção ao barranco, a uns 100 metros da casa deles. Havia uma pequena ponte metálica sobre uma estrada de terra que ficava logo acima. O vento estava tão forte que os Erwins tiveram dificuldade de correr em linha reta, mas conseguiram chegar à ponte. Então um pedaço de metal lhes bloqueou o caminho.

“Eu pensei que ele viria em nossa direção”, recordou Chad Erwin. Mas não, um pedaço de carpete verde – que alguns segundos antes fora arrancado da sala de um vizinho – se enrolou no metal e em algumas árvores no fim da ponte, criando um escudo protetor para a família Erwin.

Ventos fortes balançavam o *trailer* de Kara, e ela enrolou Jordan em um pesado casaco de inverno, a melhor armadura que conseguiu achar. O céu estava preto, escuro pela chuva e pelo granizo, e um ciclone ia subindo para a atmosfera. Jordan segurou a mãe com toda a força. Iam tentar correr para o barranco, assim como os Erwins haviam feito. Mas Kara decidiu não ir. Talvez por causa do granizo, talvez por causa do barulho ensurdecedor do vento.

Então, mãe e filho sentaram-se na banheira, um de frente para o outro, abraçados. Ou talvez eles estivessem correndo em direção ao banheiro para entrar na banheira quando um vento monstruoso balançou o *trailer*, e Kara segurou Jordan ainda mais forte. Ela não o abandonaria. Nunca.

Foi aí que os cabos que ancoravam o *trailer* se romperam, e ele começou a se deslocar à deriva. Tudo estava no ar, virando e girando – a mobília, os brinquedos no quarto de trás. Aquele vento carregava e dilacerava tudo à sua volta. Jordan segurou Kara o mais forte que pôde.

Mas, de repente, notou que a mãe estava escapando de suas mãos. E se percebeu sozinho, girando numa escuridão que o envolveu por completo. Sentiu-se como se estivesse dormindo.

Minutos depois, Chad Erwin pegou um canivete e cortou o carpete que ainda estava protegendo sua família. E saíram. Chad viu que a negra cortina de ar se movia em direção a Bridge Creek e fazia uma curva. A velocidade do vento do tornado era de 484 quilômetros por hora.

O tornado agora ia em direção ao centro da cidade de Oklahoma. Movia-se depressa, e, ao sul do Aeroporto Internacional Will Rogers, fez uma curva para a direita e entrou numa área densamente povoada. Sua extremidade atingiu a Escola Westmoore, arrastando carros do estacionamento para o outro lado da rua. E continuou se movendo, destruindo tudo pela frente.

Nas cinco décadas que antecederam àquele 3 de maio, o Centro de Previsão de Tempestades contabilizou 39.666 deles, mas menos de 50 atingiram o grau mais alto da Escala Fujita: F5 (ver quadro na página 148). O monstro que atacou a cidade de Oklahoma naquele dia pertencia a uma ca-

tegoria exclusiva. De acordo com o Serviço Nacional de Meteorologia, foi a maior explosão de tornados na história de Oklahoma. Além disso, a tempestade que varreu Bridge Creek, identificada como A9, foi o mais poderoso tornado a atingir a área metropolitana.

A busca por sobreviventes

Depois que o tornado passou, Dustin e a namorada, Misty, pegaram o carro e foram para a casa de Kara. Ficaram impressionados com o que viram. “Não tinha sobrado nada”, lembra Dustin. Não havia *trailer*, carro, Kara ou Jordan. Dustin desceu do carro e correu na direção dos campos lamacentos.

Um vizinho disse que os feridos haviam sido levados para a escola de Bridge Creek. Misty foi até lá.

Enquanto isso, Mary assistia na TV aos noticiários sobre a destruição. Sem conseguir esperar mais, também foi para Bridge Creek. Quando chegou à curva da entrada da casa da filha, seu coração disparou. Havia pilhas de entulho e pedaços de carro por todos os lados. Na escuridão, Mary não viu Dustin procurando freneticamente pela irmã.

**Depois da tormenta.
Quase 10 mil casas
em Oklahoma foram
danificadas ou
destruídas.**



O lugar estava um caos. Pessoas gritavam nomes de vizinhos. Na área ao redor, carros de polícia e ambulâncias corriam para cima e para baixo levando feridos para escolas e hospitais. Na cidade de Oklahoma, os desabrigados eram levados para escolas e igrejas.

Quando Jordan acordou no hospital, machucado, arranhado e com uma costela quebrada, a avó estava ao seu lado; a mãe, não. O menino sabia por que ela sumira. Não havia sido o *trailer* ou o tornado. A culpa era dele.

“Eu devia ter segurado minha mãe com mais força”, censurou-se depois.

O *trailer* deles fora destruído pelo vento, Jordan contou à avó. Ele e a mãe se achavam de frente um para o outro. Kara o abraçava e ele estava agarrado a ela. Os dois voaram. Alguma coisa começou a bater no corpo dele por trás, então sentiu a mãe se soltando de suas mãos. Finalmente, algo pesado o atingiu e ele desmaiou.

Jordan foi liberado do hospital na terça-feira, 4 de maio, e Mary o levou para casa. Ao chegar lá, o menino adormeceu instantaneamente no sofá. Dustin continuava sua busca frenética por Kara, andando pelos campos cobertos de destroços. Mary havia ligado para todos os hospitais, na esperança de que a filha estivesse inconsciente em alguma sala de emergência. Qualquer outra opção era terrível demais.

Na tarde de quarta-feira, 5 de maio, Mary se encontrou com Dustin em Bridge Creek, levando Jordan com ela. Todos da família reviraram os dois hectares de terra à procura de Kara. Viram os restos do *trailer*, que fora destruído e atirado no fundo do barranco. Pedacos de metal estavam enroscados nas poucas árvores e cercas que haviam sobrado.

A Guarda Nacional sediada no estado de Oklahoma se juntou aos vizinhos e voluntários, organizando uma busca sistemática. De acordo com um relato publicado no jornal *Houston Chronicle*, quando o capitão Barry Guidry viu aquele menininho vasculhando os destroços, perguntou:

- O que você está fazendo?

- Estou procurando minha mãe - respondeu Jordan Wiese.

Guidry segurou o menino pela mão, colocou-o nos ombros e deu a ele o boné camuflado de capitão. O pequeno soldado passou a comandar a equipe de resgate. Jordan encontrou seus carrinhos de brinquedo, sua luva de beisebol e algumas das páginas de seus livros. Mas não conseguiu encontrar a mãe.

Quando os turnos acabavam, os homens da equipe se despediam de Jordan. Guidry deixou que ele dispensasse o pelotão e lhe deu a insígnia de combate.

Avaliando os ventos

A Escala Fujita, que estava em uso em 1999, tinha seis níveis de velocidade de vento, baseados no estrago causado. (Em fevereiro de 2007, foi substituída pela Escala Fujita Melhorada, uma revisão da primeira.)

F0 64 a 116 km/h (estragos leves)

Alguns estragos a chaminés e antenas de TV; árvores de raízes rasas derrubadas.

F1 118 a 180 km/h (moderado)

Janelas quebradas; *trailers* leves arrancados ou derrubados; carros em movimento empurrados para fora da estrada.

F2 182 a 253 km/h (considerável)

Telhados de casas arrancados; prédios pequenos e *trailers* destruídos; grandes árvores desenraizadas ou quebradas; vagões de trens descarrilados.

F3 254 a 332 km/h (grave)

Telhados e paredes arrancados de casas; alguns prédios rurais demolidos; trens derrubados; depósitos com estrutura de aço torcidos; carros levantados do chão; muitas árvores arrancadas ou destruídas.

F4 333 a 418 km/h (devastador)

Edifícios inteiramente destruídos; estruturas de aço seriamente afetadas; árvores destruídas em pequenos pedaços; carros e trens atirados ou rolados a longas distâncias; grandes destroços erguidos pela força do vento.

F5 420 a 512 km/h (incrível)

Edifícios inteiros arrancados do chão; concreto reforçado com aço afetados; incríveis fenômenos podem ocorrer.

DE "ALERTA DE TEMPESTADE"

Na mesma tarde, um médico do hospital municipal de Oklahoma ligou para a casa de Mary. Dustin estava lá e atendeu. Ele perguntou se a família tinha as impressões digitais de Kara.

Os Wieses se deram conta de que não havia pessoas não identificadas nos hospitais. Mas, no necrotério, talvez sim. A terrível verdade estava diante deles. Finalmente, na manhã da quinta-feira, 6 de maio, o médico confirmou: O corpo de Kara havia sido identificado pelas impressões digitais.

Os parentes começaram a se reunir na casa de Mary, e ela se preparou para a tarefa mais difícil de sua vida: contar a Jordan que a mãe não voltaria para ele. Nunca mais.

Novo respeito

Em 3 de maio de 1999, mais de 70 tornados foram documentados em Oklahoma e no sul do Kansas. A atmosfera que ia do Texas até a Dakota do Sul estava extremamente instável, produzindo dezenas de tornados na Planície Central.

Durante seis horas, houve pelo menos um tornado em terra em algum lugar de Oklahoma.

Na área metropolitana, 2.300 casas foram destruídas; 7.400, afetadas. Cinco igrejas e duas escolas foram abaixo. O custo: 1,2 bilhão de



dólares: o primeiro tornado bilionário da história dos Estados Unidos.

O único dado que não entrou para o livro dos recordes foi o número de mortos. Os tornados fizeram pelo menos 45 vítimas em Oklahoma e no Kansas. Só o A9 causou 38 mortes. Cerca de 800 pessoas ficaram feridas na área metropolitana.

Quatro pessoas morreram fora da área da cidade de Oklahoma, seis foram mortas por um tornado no Kansas, e cinco, que procuravam abrigo, morreram de infarto ou ferimentos.

Gary England ficou impressionado com o baixo índice de mortes. “Eu pensei que seriam milhares”, ele disse. Era quase tão inacreditável quanto o próprio tornado que, em uma cidade com 11 mil casas, apartamentos e escritórios prejudicados ou destruídos, houvesse menos de 50 mortes. Mas isso não aconteceu por acaso. Os moradores de Oklahoma atenderam aos constantes avisos da televisão e aos informes dos serviços de meteorologia. Milhares de pessoas deixaram a área ou procuraram abrigo. Muitos chegaram a abrigos subterrâneos.

CINCO ANOS DEPOIS do tornado, Jordan ainda falava sobre as coisas terríveis que viu naquele dia, incluindo os animais mortos pelo chão. Mas a lembrança do rosto da mãe estava começando a se dissipar.

“Não tínhamos respeito pelos tornados, pelo que eles podem fazer”, disse Mary. “Agora temos.”

ESTETICAMENTE CORRETO

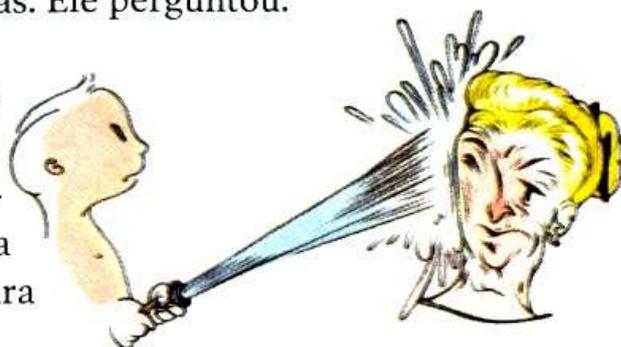
Meu afilhado de 3 anos, David, é um excelente observador e gosta de ajudar a mãe em casa. Certo dia, minha tia de 67 anos o flagrou olhando para o seu rosto cheio de rugas. Ele perguntou:

- Você se machucou?
- Não, querido. É que estou ficando velha e meu rosto está murchando.

Dias depois, após ter ajudado a molhar o gramado, ele ainda estava com a mangueira na mão quando se virou para minha tia:

- Sua cara ainda está murchando? Vamos *regar ela*!?

E, antes que titia pudesse reagir, levou uma bela ducha.



ANDREIA RIBEIRO PARENTE, Portugal